

OS CATECISMOS DE LUTERO: HISTÓRIA E IMPORTÂNCIA

LUTHER'S CATECHISMS: HISTORY AND IMPORTANCE

Clóvis Jair Prunzel¹

Resumo: O objeto de estudo deste artigo são os catecismos de Martinho Lutero, especialmente o Catecismo Menor e o Catecismo Maior, sua gênese histórica, sua forma literária e pedagógica, bem como sua importância para a Reforma Luterana, para a confessionalidade e para a vida cristã até hoje. Partindo do contexto da catequese medieval tardia, marcada pela centralidade da confissão privada e pelo domínio do Decálogo como instrumento de controle moral, mostra-se como Lutero recebeu, purificou e reformulou a tradição catequética, transformando o catecismo em um “canivete suíço teológico”: manual de instrução, livro de orações, guia de confissão, norma doutrinária, subsídio litúrgico e instrumento de cuidado pastoral. Analisa-se o processo histórico que levou à redação dos catecismos (pedidos pastorais, visitas às paróquias e controvérsia antinomista), a estrutura interna dos textos e seu projeto teológico-pedagógico (as três fases: memorizar, compreender, praticar), bem como o papel dos pastores, dos chefes de família, das visitas e da imprensa. Por fim, discute-se a atualidade dos catecismos de Lutero como síntese da fé cristã e como caminho para compreender a identidade cristã e viver a fé em

1 Bacharel em Teologia, Seminário Concórdia, São Leopoldo, RS (1991). Mestre em Teologia, Seminário Concórdia (1997). Doutor em Teologia Sistemática, Concordia Theological Seminary, Fort Wayne, EUA (2014).

contextos contemporâneos plurais. Os resultados da pesquisa indicam que os catecismos de Lutero constituem mais do que instrumentos didáticos: eles são uma síntese teológica e pastoral da Reforma, na qual doutrina, oração, sacramentos, confissão e vida vocacional se articulam em torno do evangelho. A investigação evidencia que sua importância histórica e atual está em formar uma identidade cristã e confessional capaz de ensinar, confessar e viver a fé em diferentes contextos culturais.

Palavras-chave: Catecismo. Lutero. Reforma. Catequese. Identidade Confessional.

Abstract: This article examines Martin Luther's catechisms, especially the Small and the Large Catechism, focusing on their historical genesis, literary and pedagogical form, as well as their significance for the Lutheran Reformation, for Lutheran confessional identity, and for Christian life today. Beginning with the context of late medieval catechesis, marked by the centrality of private confession and by the dominance of the Decalogue as an instrument of moral control, the article shows how Luther received, purified and reshaped the catechetical tradition, turning the catechism into a true "theological Swiss army knife": instructional manual, prayer book, confession guide, doctrinal norm, liturgical aid and pastoral care tool. It analyzes the historical process that led to the drafting of the catechisms (pastoral requests, parish visitations and the antinomian controversy), the internal structure of the texts and their theological-pedagogical project (the three phases: memorizing, understanding, practicing), as well as the role of pastors, heads of households, visitations and the printing press. Finally, it discusses the contemporary relevance of Luther's catechisms as a summary of the Christian faith and as a path to understand Christian identity and live the faith in today's plural contexts. The results of the research indicate that Luther's catechisms are more than didactic instruments: they constitute a theological and pastoral synthesis of the Reformation, in which doctrine, prayer, sacraments, confession, and vocational life are articulated around the Gospel. The study demonstrates that their historical and contemporary significance lies in forming a Christian and confessional identity capable of teaching, confessing, and living the faith in diverse cultural contexts.

Keywords: Catechism. Luther. Reformation. Catechesis. Confessional Identity.

INTRODUÇÃO

O que é um catecismo? E, mais especificamente, o que significou “catecismo” no século 16, no contexto da Reforma Luterana? Os catecismos de Lutero ainda são úteis para nós, hoje? Essas perguntas orientam o presente artigo, cujo objetivo é reconstruir a história e a importância dos catecismos de Martinho Lutero para a igreja de seu tempo e para a vida cristã até hoje.

De um lado, é necessário compreender o pano de fundo da catequese medieval tardia, com sua forte vinculação à confissão privada e à prática penitencial definida pelo IV Concílio de Latrão (1215). De outro, é preciso perceber como a Reforma, sob a liderança de Lutero e de outros reformadores, retomou os textos básicos da fé cristã – mandamentos, Credo e Pai-Nosso –, purificando-os de acréscimos devocionais e de distorções doutrinárias, recolocando-os no centro da vida cristã na caracterização da ação do Deus triúno.

Charles Arand destaca que Lutero enxergava o catecismo como um *Enchiridion*, um manual de bolso para a vida cristã, um *vademecum* espiritual “do berço ao túmulo”, um verdadeiro companheiro diário de oração, meditação e formação na fé (Arand, 2000, p. 27-28). Para Lutero, o conteúdo do Catecismo representava o mínimo que todo cristão deveria saber sobre Deus como Criador, Redentor e Santificador. Quem não conhecesse esse mínimo, dizia ele no prefácio do Catecismo Maior, não deveria sequer ser considerado cristão nem admitido ao sacramento (Lutero, 2021, p. 411-412).

Este artigo, portanto, não se limita a descrever a história externa dos catecismos. Interessa-nos mostrar de que modo eles se tornaram o “coração da Reforma” (Nordling, 2007, p. 5), como moldaram a confessionalidade luterana e como continuam a oferecer um paradigma para ensinar, confessar, orar e viver a fé cristã em nosso tempo. O texto segue as diretrizes de formatação da Revista *Igreja Luterana* e organiza-se em quatro grandes movimentos: (1) contexto medieval tardio e o surgimento do catecismo como gênero; (2) a Reforma e a redefinição do catecismo em Lutero; (3) o projeto teológico-pedagógico dos catecismos; e (4) a importância histórica e atual dos catecismos para a igreja e para a vida cristã.

OS CATECISMOS NA IGREJA MEDIEVAL

O IV Concílio de Latrão e a centralidade da confissão

A prática catequética que Lutero herdou não nasceu com a Reforma. No período da igreja antiga, o catecumenato era essencialmente uma preparação para o batismo: quem vinha do contexto gentio recebia instrução prolongada antes de ser batizado na Páscoa. Com o passar dos séculos, porém, à medida que o batismo infantil se tornou norma, o eixo da instrução deslocou-se do batismo para outro sacramento: a confissão privada.

O IV Concílio de Latrão (1215) determinou que todo fiel cristão, homem ou mulher, após atingir a “idade da razão”, deveria confessar-se ao menos uma vez por ano e comungar pela Páscoa, sob pena de excomunhão e de perda de sepultamento cristão (Krodel, 1999, p. 365). A partir dessa exigência, desenvolveram-se formas de instrução que tinham por objetivo imediato *ensinar a confessar*: o ponto não era tanto preparar para o batismo, mas para uma “boa confissão” anual e para o cumprimento adequado da penitência.

Gottfried Krodel observa que, por causa disso, a catequese medieval tardia assumiu a forma de um “trabalho de preparação para a confissão” (Krodel, 1999, p. 366). Surgem então os chamados *Beichtbüchlein* (livrinhos de confissão), “espelhos” da consciência que ajudavam o padre a interrogar o penitente e o leigo a examinar-se a si mesmo: *Espelho do pecador*, *Espelho da consciência* e outros títulos semelhantes (Krodel, 1999, p. 367-368). Neles, os textos básicos da fé – Decálogo, Credo, Pai-Nosso e Ave-Maria – eram apresentados e comentados sempre em função da confissão dos pecados. A tônica recaía sobre o *Decálogo*, que aos poucos passou a dominar a instrução, pois nele se identificavam de modo mais direto as transgressões e as obras a serem cumpridas.

Catecismo como manual moral e instrumento de controle

Krodel resume bem a situação na véspera da Reforma: o trabalho catequético da igreja era dominado pela confissão privada. A oração do Senhor, o Credo e, sobretudo, os Dez Mandamentos eram ensinados dentro de um *sistema de justiça pelas obras*: quanto mais fielmente se obedecia aos mandamentos, melhor fé se julgava ter e mais eficaz se acreditava ser

a oração; quanto menos se obedecia, mais fraca se imaginava a fé e menos eficaz a oração (Krodel, 1999, p. 371-372).

Além disso, a confissão tornara-se também um instrumento de controle social e espiritual. Alguns manuais examinavam não apenas ações externas, mas motivações, pensamentos e desejos, transformando o confessionário em um lugar de profunda vulnerabilidade do penitente diante do sacerdote (Krodel, 1999, p. 368-369). A teologia sacramental, especialmente o lugar da penitência, ofuscava o batismo e, em grande medida, também a ceia do Senhor.

Nesse contexto, os elementos que mais tarde comporão o Catecismo luterano – mandamentos, Credo, Pai-Nosso e confissão – já estavam presentes, mas *subordinados a uma lógica penitencial e meritória*. Os sacramentos do batismo e da ceia do Senhor apareciam pouco ou quase nada nos manuais. O Credo servia tanto como expressão de fé quanto como marcador de cidadania no “império cristão”; o Pai-Nosso era frequentemente associado a outras orações destinadas a obter indulgências e livramento do purgatório.

Jean Gerson e Johannes Wolff antecipam, de certo modo, a crescente centralidade do Decálogo. Gerson substitui a antiga ênfase nos “sete vícios capitais” por uma estrutura baseada nos mandamentos; Wolff, por sua vez, organiza todo o seu *Beichtbüchlein* em torno do Decálogo, a ponto de ser apelidado de “doutor dos Mandamentos de Deus” (Arand, 2000, p. 37-39; Krodel, 1999, p. 370-372). O Decálogo, por ser “a própria lei de Deus”, oferecia vantagens sobre os vícios: era bíblico, ligava diretamente o comportamento à vontade divina e fornecia promessas específicas para a obediência.

Lutero herdará essa centralidade do Decálogo – mas irá reinterpretá-la radicalmente à luz da justiça de Deus em Cristo e da distinção entre lei e evangelho.

O QUE É UM CATECISMO NO SÉCULO 16?

Da tradição antiga ao termo técnico “catecismo”

Desde cedo, a igreja identificou certos textos como essenciais à fé cristã: o *Credo*, o *Pai-Nosso* e alguma forma de “norma moral”, que na Idade Média acabou sendo, sobretudo, os *Dez Mandamentos* (Arand,

2000, p. 29-30). Esses três elementos, diz Lutero no prefácio do Catecismo Maior, “desde tempos passados se conservaram na cristandade” e foram chamados de “catecismo” (Lutero, 2021, p. 411).

No entanto, o termo “catecismo”, como título técnico de um livro de instrução, só se difundiu amplamente a partir de meados da década de 1520, quando uma verdadeira enxurrada de literatura catequética foi impressa em língua vernácula. Em Wittenberg, entre 1522 e 1529, apareceram 62 edições de 13 livretos instrucionais diferentes; em toda a Alemanha, entre 1524 e 1529, pelo menos 176 catecismos foram publicados (Nordling, 2007, p. 5; Arand, 2000, p. 57).

Arand observa que, a partir desse momento, “catecismo” se torna um *gênero literário* específico: um pequeno livro que reúne os textos básicos (mandamentos, Credo, Pai-Nosso e, às vezes, sacramentos) e os apresenta de forma acessível, muitas vezes em forma de perguntas e respostas (Arand, 2000, p. 57-58). O século 16, com o advento da imprensa, deu a esse gênero um alcance popular inédito: os catecismos foram concebidos para circulação em massa, em formato pequeno, barato, facilmente transportável – os *Büchlein* ou *libelli* da Reforma.

O “canivete suíço” teológico da Reforma

Arand sugere uma imagem feliz para descrever o Catecismo no século 16: ele se torna um “canivete suíço” *teológico*, dada a sua versatilidade e múltiplos usos (Arand, 2000, p. 57-58). O mesmo conteúdo – mandamentos, Credo, Pai-Nosso, sacramentos – serve:

- como *manual de instrução doutrinária*;
- como *livro de oração e meditação*;
- como *guia para a confissão e o autoexame*;
- como *norma teológica* para o discernimento da verdade;
- como *texto confessional* da identidade cristã;
- como *subsídio litúrgico* ligado à pregação, aos hinos e aos ritos.

O princípio tradicional *lex orandi, lex credendi* (“a regra da oração é a regra da fé”) é, na Reforma, reorganizado considerando o seu uso da igreja antiga: a proclamação catequética da fé (*lex credendi*) molda a oração cristã (*lex orandi*), e ambas formam a vida (*lex vivendi*). O catecismo torna-se

o elo entre essas três dimensões, fazendo a fé confessada transbordar em oração e em prática vocacional.

OS CATECISMOS DE LUTERO: GÊNESE HISTÓRICA

Os próprios catecismos de Lutero – o Catecismo Menor (1529) e o Catecismo Maior (1529) – surgem em resposta a três fatores concretos que se entrelaçam:

1. o pedido insistente de um pastor zeloso;
2. a situação deplorável revelada pelas visitas às paróquias;
3. uma controvérsia teológica sobre o lugar da lei.

1. O pedido de Nicholas Hausmann

Já em 1523, Nicholas Hausmann, pastor em Zwickau e aliado de Wittenberg, solicitava ao eleitor uma visitação às igrejas da Saxônia, bem como a elaboração de um catecismo para “o povo simples” (Arand, 2000, p. 70-72). Lutero respondeu em 1525 informando que havia encarregado Justus Jonas e Johann Agricola de preparar um “catecismo para crianças” (*catechismus puerorum*). O trabalho conjunto, porém, não avançou como esperado.

Em 1525, aparece em Wittenberg um *Livreto para leigos e crianças*, que muitos veem como um precursor direto do Catecismo Menor. Seu conteúdo já traz os textos dos Dez Mandamentos, do Credo, do Pai-Nosso, bem como textos bíblicos para o batismo e a ceia do Senhor. Pela primeira vez, batismo e santa ceia aparecem de forma clara como partes constitutivas do Catecismo (Arand, 2000, p. 70-73).

No prefácio à *Missa alemã* (1526), Lutero volta a insistir na necessidade de um catecismo simples, em formato de perguntas e respostas, com as três partes principais e, se possível, usando como base o seu *Pequeno Livro de Orações* (LW 53:64-67).

2. As visitas às igrejas da Saxônia (1527-1528)

O segundo impulso decisivo vem das visitas oficiais às paróquias da Saxônia Eleitoral, realizadas a partir de 1526-1527. A Reforma havia

derrubado estruturas, mas não colocara ainda nada sólido no lugar. Os bens eclesiásticos foram saqueados em muitos locais, pastores ficaram sem sustento, e a instrução dos fiéis entrou em colapso (Arand, 2000, p. 73-75).

As *Instruções para os Visitadores*, de Melanchthon (1528), buscavam avaliar a situação doutrinária e moral dos pastores e das comunidades (Melanchthon, 1528/ LW 40). O que Lutero e os demais visitantes encontraram foi desolador: camponeses que não sabiam recitar o Pai-Nosso, o Credo ou os mandamentos; pastores que mal conseguiam rezar a oração do Senhor; comunidades que desprezavam a confissão e a comunhão, vivendo em embriaguez e descuido religioso (Arand, 2000, p. 73-76).

A famosa queixa de Lutero no prefácio do Catecismo Menor nasce dessa experiência: “[O povo] vive como gado irracional, sem saber nada sobre o evangelho” (Cm, Prefácio, 2-3).

É nesse contexto que Lutero escreve, em janeiro de 1529, a um pastor em Braunschweig: “Estou trabalhando em um catecismo para o povo simples do campo” (Arand, 2000, p. 76).

3. A controvérsia com Agricola e a função da lei

O terceiro elemento é a controvérsia com Johann Agricola em torno do papel da lei e do arrependimento na vida cristã – a chamada controvérsia antinomiana. Agricola sustentava que o arrependimento nasce exclusivamente da pregação do evangelho; a lei, dizia ele, só pode produzir medo servil, não contrição genuína (Arand, 2000, p. 78-81).

Melanchthon, ao contrário, ressaltava a necessidade da lei para o conhecimento do pecado e para o arrependimento: o movimento da vida cristã é da *mortificação* (lei) à *vivificação* (evangelho). Agricola, em seus catecismos, minimiza a função da lei, enquanto Lutero reage enfatizando o papel indispensável dos mandamentos para expor a idolatria e conduzir ao arrependimento.

A redação dos catecismos de 1529 é, assim, também uma resposta pastoral e doutrinária a esse debate. Ao colocar o Decálogo como primeira parte do Catecismo, Lutero não está “voltando ao legalismo medieval”, mas recolocando a lei em seu lugar próprio: desmascarar os falsos deuses e descrever a vontade de Deus para a vida cristã, sempre em relação com o evangelho que perdoa, liberta e recria.

ESTRUTURA, GÊNERO LITERÁRIO E MÉTODO PEDAGÓGICO

Dois catecismos, um único projeto

Lutero oferece dois catecismos complementares: o Catecismo Menor, para ser usado por pais, pastores e professores no ensino elementar; e o Catecismo Maior, concebido como um “catecismo alemão”, isto é, exposições mais amplas a serem pregadas na congregação e estudadas por pastores e adultos (Arand, 2000, p. 92-94).

Ambos seguem a mesma estrutura básica:

1. Dez Mandamentos;
2. Credo Apostólico;
3. Pai-Nosso;
4. Batismo;
5. Confissão;
6. Sacramento do Altar;
7. (No Menor) Orações diárias, bênçãos à mesa, forma de confissão e Tábua dos Deveres.

A inclusão de batismo e ceia do Senhor como partes principais retoma uma prática da igreja antiga e corrige a negligência medieval em relação aos sacramentos (Arand, 2000, p. 39-41). Mais do que isso, a reordenação das três primeiras partes – começando pelo Decálogo, seguido do Credo e do Pai-Nosso – reflete a compreensão de Lutero sobre a relação entre *lei* e *evangelho*: primeiro a lei, que acusa e desmascara; depois o evangelho, que anuncia o Deus trino que cria, redime e santifica; em seguida, a oração que é a resposta confiada da fé (Bode, 2018, p. 23).

Esta organização não deixa de lado o aspecto do Catecismo como manual para a confissão presente no período anterior, mas traz um elemento esquecido na catequese medieval: o movimento *a Patre ad Patrem*: do Pai ao Pai (Prunzel, 2025), que assume a ênfase principal de Lutero a partir dos textos dos seus catecismos: “a ordenação de Lutero — e especialmente suas explicações — das partes principais reflete sua percepção reformadora do cerne do Evangelho: que somos justificados somente pela fé nos dons prometidos por Deus” (Arand, 2022, p. 228).

Três fases do aprendizado: memorizar, compreender, praticar

Lutero descreve, especialmente no Prefácio do Catecismo Menor e no Prefácio Longo do Catecismo Maior, um processo pedagógico em três etapas (Arand, 2000, p. 97-101; Nordling, 2007, p. 8-10):

1. Aprender e memorizar o texto:

- As crianças e aprendizes devem simplesmente decorar os textos dos mandamentos, Credo, Pai-Nosso, etc.
- O pastor deve escolher uma só forma de texto e nunca a alterar, “nem uma sílaba”, para não confundir os catecúmenos (SC, Prefácio, 7-10).
- A ênfase na memorização responde à realidade de uma cultura de oralidade, com altos índices de analfabetismo, mas também a uma preocupação teológica: a palavra de Deus deve ser guardada no coração, nos lábios e na memória, como o Shema de Deuteronômio 6 (Arand, 2000, p. 99). Em outras palavras, a memorização do Catecismo se torna a gramática utilizada pelo Espírito Santo para trabalhar a arte de viver da fé.

2. Compreender o que se confessa

Uma vez memorizado o texto, passa-se às explicações, em geral a partir da pergunta: “Was ist das?” – “Que é isso?” (e não apenas “O que isso significa?”).

- A resposta de Lutero é menos uma “interpretação subjetiva” e mais uma reafirmação ampliada do texto bíblico, escrita de modo que o catecúmeno possa repeti-la como sua própria confissão (Nordling, 2007, p. 9-10).
- As explicações usam linguagem concreta, ritmo, aliteração, paralelismos e repetições (“casa e lar; esposa e filhos; ouro ou prata; corpo e alma”), facilitando a memorização e a meditação (Arand, 2000, p. 104-106).
- A forma pergunta-resposta e a repetição constante fazem com que a resposta do catecúmeno assuma o caráter de confissão pública de fé.

3. Praticar ao longo da vida

- A terceira etapa é um catecumenato permanente: estudar e meditar continuamente o Catecismo ao longo da vida cristã.
- No Prefácio Longo do Catecismo Maior, Lutero confessa que, embora doutor e pregador experiente, continua “como uma criança que aprende o catecismo”, lendo e recitando diariamente o Pai-Nosso, os mandamentos, o Credo e salmos (Lutero, 2021, p. 419-420).
- O Catecismo funciona como resumo da Escritura e “trampolim” para o estudo bíblico mais amplo, mas também como “óculos” pelos quais o cristão interpreta a própria vida diante de Deus (Arand, 2000, p. 110-113; Nordling, 2007, p. 10-11).

Gênero literário: mais ouvido que lido

Arand salienta que o Catecismo Menor é escrito *mais para os ouvidos do que para os olhos* (Arand, 2000, p. 92). Em uma sociedade de transmissão oral, a palavra impressa é mediada pela palavra falada. Pastores, professores, chefes de família e funcionários letrados liam o Catecismo em voz alta, explicavam-no, perguntavam e ouviam as respostas. A forma enxuta, o ritmo e as imagens concretas foram moldados por quase treze anos de sermões catequéticos que Lutero havia pregado desde 1516 sobre mandamentos, Credo e Pai-Nosso (Arand, 2000, p. 61-63).

Por isso, o Catecismo Menor se tornou, ao mesmo tempo, *livro de bolso* e “roteiro de conversas” na família, na igreja e na escola. O Catecismo Maior, por sua vez, é um comentário ampliado, projetado para formar os pastores na doutrina e na arte de pregar catequeticamente.

A VERSATILIDADE DO CATECISMO: PREGAR, CONFESSAR, ORAR, INSTRUIR

Pregação: púlpito e cátedra

Na Reforma, *púlpito e cátedra* caminham juntos. A pregação se torna o principal meio de catequizar jovens e adultos ao longo do século 16. A própria Reforma pode ser descrita como um “renascimento da pregação”,

agora centrada na justificação pela fé e na distinção entre lei e evangelho (Arand, 2000, p. 59-63).

Séries de sermões catequéticos eram pregadas regularmente em cidades como Wittenberg: quatro vezes por ano, durante duas semanas, pregava-se diariamente sobre as partes do Catecismo (ordem eclesiástica de 1533). Nas manhãs de segunda e terça-feira, Lutero sugeria aulas em alemão sobre mandamentos, Credo, Pai-Nosso, batismo e ceia, como parte do culto (LW 53:68; Arand, 2000, p. 61-62).

Os catecismos de Lutero nasceram, em grande parte, desses sermões, mas também se tornaram *fonte para novos sermões*. Muitos pastores usavam o Catecismo Maior como modelo de “Catecismo Alemão”, isto é, instrução catequética pregada no culto em língua vernácula. Pregar era sempre ensinar, e ensinar era sempre proclamar Cristo: não havia separação rígida entre *kerygma* e *didaché*.

Confissão: do tribunal ao espaço de cuidado

Lutero não aboliu a confissão privada – ao contrário do que fariam alguns reformadores posteriores –, mas a reformou profundamente. Inicialmente, ele mesmo escreveu manuais confessionais na tradição medieval (por exemplo, *Breve explicação dos Dez Mandamentos*, 1519; *Breve forma dos Dez Mandamentos, da fé e do Pai-Nosso*, 1520), que seguem ainda o padrão de catálogo de pecados (Arand, 2000, p. 64-66).

A partir de 1520, porém, Lutero passa a reinterpretar a penitência à luz do evangelho. A confissão deixa de ser um tribunal onde se busca a “confissão perfeita” e o merecimento da pena; torna-se um lugar de *anúncio pessoal do perdão*, um momento privilegiado de cuidado pastoral. Entre 1520 e 1529, a ênfase passa do “catecismo como manual de confissão” para a “confissão como oportunidade catequética”, especialmente em preparação para a ceia do Senhor (Arand, 2000, p. 66-67).

Formas de confissão incluídas no Catecismo Menor (1531) reforçam essa função: o pastor examina os que querem comungar, perguntando se sabem o Pai-Nosso, o Credo, os mandamentos e os fundamentos da fé. Assim, o confessional se torna lugar de *lei e evangelho*: confronto com o pecado, mas sobretudo consolação pela absolvição.

Livro de oração: Betbüchlein e Catecismo

Outro gênero que Lutero reforma é o dos *livros de oração*. Os devocionários medievais, como o *Hortulus animae*, reuniam salmos penitenciais, ladainhas, orações a Maria, aos santos e promessas de indulgências, frequentemente com exageros e superstições (Arand, 2000, p. 67-70). Lutero não se limita a criticá-los: ele os substitui por um *Pequeno Livro de Orações* (1522), que toma como núcleo justamente os três textos catequéticos: mandamentos, Credo e Pai-Nosso (LW 43).

Mais tarde, com a publicação do Catecismo Menor, esse papel de “manual de oração” é assumido pelo próprio Catecismo, com as orações matutina e vespertina, bênçãos à mesa e instruções sobre como usar o Catecismo na oração. Em *Uma forma simples de orar* (1535), escrita a pedido do barbeiro Pedro, Lutero mostra como meditar cada petição do Pai-Nosso, cada Mandamento e cada artigo do Credo, transformando-os em instrução, ação de graças, confissão e súplica (LW 43:187-211).

Dessa forma, o Catecismo se torna um livro de oração “para a vida toda”: quando Lutero sente aridez na oração, diz que toma o Saltério e “sussurra para si mesmo, palavra por palavra, os textos do catecismo”, até que o Espírito Santo reacenda a alegria de orar (Arand, 2000, p. 69-70).

Instrutor, norma teológica e texto confessional

Lutero não escreveu os catecismos, inicialmente, com a intenção de que se tornassem *documentos confessionais oficiais*. Eram, antes, recursos didáticos, “Bíblia do leigo”, resumo mínimo das Escrituras (Arand, 2000, p. 28; Bode, 2018, p. 16-17). No entanto, ele compreendia que *ensinar a fé e confessá-la são ações muito próximas*: ambas interpretam e aplicam a Escritura à vida contemporânea.

Por isso, o Catecismo, ao oferecer uma linguagem simples para falar de Deus, da fé, da criação, da redenção e da santificação, torna-se também uma *confissão de fé*: ele diz o que é ser cristão e, ao mesmo tempo, forma cristãos que sabem discernir a pregação verdadeira da falsa (Bode, 2018, p. 19). Em 1580, os catecismos de Lutero são incorporados ao *Livro de Concórdia* como parte das confissões da Igreja Luterana,

tornando-se norma doutrinária vinculante aos demais textos confessionais (Lutero, 2021).

OS SUJEITOS DA CATEQUESE: PASTORES, CHEFES DE FAMÍLIA E SUPERVISORES

Pastores catequistas e pregadores

No século 16, o trabalho principal de um pastor luterano paroquial era, em muitos aspectos, o *ensino catequético*. O próprio título do Catecismo Menor – “um pequeno catecismo para pastores e pregadores simples” – já indica isso. Lutero insiste que os melhores pastores são aqueles que sabem ensinar bem o Catecismo, ainda que seu trabalho não traga “glória mundana” (Arand, 2000, p. 94).

As visitas revelaram, porém, a pouca preparação do clero, especialmente do clero secular vindo das camadas camponesas. Muitos eram quase analfabetos teologicamente. Por isso, o Catecismo Maior é pensado também como *manual de formação teológica básica para pastores*: Lutero os exorta a usar o catecismo como livro de oração e estudo diário, jamais supondo que “já sabem demais” (Lutero, 2021, Prefácio Longo; Arand, 2000, p. 94-95).

O chefe de família como “bispo do lar”

Uma novidade importante na Reforma é a ênfase sobre o *chefe de família* como responsável pela catequese doméstica. Cada parte do Catecismo Menor traz o subtítulo: “Como o chefe de família deve ensiná-la com simplicidade aos de sua casa”. Para Lutero, “casa” não é apenas a família nuclear: inclui esposa, filhos, parentes, empregados e dependentes – a unidade social e econômica básica (Arand, 2000, p. 95-96).

Lutero fala do chefe de família como “pastor doméstico” ou mesmo “bispo de casa”: o lar é uma pequena igreja, e o Catecismo fornece uma pequena “liturgia doméstica” – oração ao levantar e ao deitar, bênçãos às refeições, recitação de mandamentos, Credo e Pai-Nosso (Arand, 2000, p. 95-96).

Ao mesmo tempo, Lutero é realista: sabe que muitos pais não têm tempo, preparo ou disposição para essa tarefa. Por isso, insiste em uma

“coalizão” entre família, igreja e autoridades públicas: pastores, professores e chefes de família devem cooperar na instrução cristã (Arand, 2000, p. 93).

Visitações e construção de uma identidade

As *visitações* – realizadas em equipes de teólogos e funcionários do governo – revelaram não apenas a ignorância doutrinária, mas também problemas morais, sociais e eclesiais: abuso da liberdade cristã, embriaguez, desordem sexual, desrespeito às autoridades. Ao mesmo tempo, foram instrumentos importantes para consolidar uma identidade luterana em determinados territórios, especialmente após as Dietas de Speyer (1526, 1529), quando príncipes “evangélicos” passaram a se identificar publicamente com a Reforma (Arand; Kolb; Nestingen, 2014).

A partir das visitas e da adoção dos catecismos, forma-se um “povo catequizado”: meninos e meninas de quinze anos, dizia Lutero em 1529, sabiam mais sobre a palavra de Deus “do que todas as universidades e doutores antes”, porque haviam aprendido o verdadeiro Catecismo – mandamentos, Credo, Pai-Nosso, batismo, ceia, cruz, vida e morte (Nordling, 2007, p. 11).

A IMPORTÂNCIA HISTÓRICA E CONFESSIONAL DOS CATECISMOS

O coração da Reforma

John Nordling afirma que os catecismos de Lutero representam o *coração da Reforma* por três razões: por sua história, por seu conteúdo e por seu uso contínuo na vida da igreja (Nordling, 2007, p. 5-6).

Historicamente, eles nascem justamente quando os princípios fundamentais da Reforma corriam risco de se diluir em meio a revoltas sociais, confusões doutrinárias e indiferença prática. Pedagogicamente, oferecem uma forma simples, memorável e profundamente bíblica de transmitir esses princípios às crianças, aos leigos e aos pastores.

Gerhard Bode destaca que, poucos anos depois da publicação, Lutero já percebia o impacto dos catecismos: homens e mulheres, jovens e idosos “sabem como crer, viver, orar, sofrer e morrer” – consciência de fé e de

vocação que se manifesta no púlpito, no altar e na pia batismal (Bode, 2018, p. 15-16). O Catecismo tornou-se veículo privilegiado da Reforma, formando cristãos que sabiam não apenas “o que a igreja ensina”, mas como viver e morrer em Cristo.

Entre doutrina e vida: lei, evangelho e vocação

A estrutura do Catecismo Menor, em particular, reflete de forma exemplar a compreensão luterana da relação entre Deus e o ser humano:

- lei – os mandamentos revelam a vontade de Deus e desmascaram a idolatria;
- evangelho – o Credo proclama o Deus trino que cria, redime e santifica;
- oração – o Pai-Nosso exercita a fé que clama “Pai nosso”;
- sacramentos – batismo, confissão e ceia mostram como Deus traz seus dons à vida cotidiana.

Ao incluir batismo e ceia no corpo do Catecismo, Lutero recentra a vida cristã nos *meios da graça*. O batismo não é um rito passado, mas um “navio” que nunca afunda, uma morte e ressurreição diárias com Cristo (Arand, 2000, p. 39-41; Nordling, 2007, p. 10-11). A confissão é vivência contínua desse batismo; a ceia do Senhor, alimento para a luta diária contra pecado, morte e diabo.

A *Tábua dos Deveres* acrescenta ainda uma dimensão vocacional: o cristão é chamado a viver a fé nas relações concretas – governo, igreja, família, trabalho –, servindo ao próximo como máscara de Deus no mundo (Arand, 2000, p. 44-46). Fé e vida não se separam: confessar é também viver.

Do Catecismo ao manual dogmático – e de volta

Após Lutero, os catecismos foram gradualmente se tornando *livros didáticos escolares*, especialmente nas escolas de latim. Obras como a de Conrad Dieterich (1613) ampliaram o Catecismo Menor em tratados dogmáticos extensos, com centenas de páginas, integrando lógica e retórica às explicações (Bode, 2008, p. 159-204; Bode, 2018, p. 24-25).

Isso não significa necessariamente decadência; refletia as necessidades de um novo contexto escolar. No entanto, ao transformar o Catecismo em “mini dogmática”, corre-se o risco de perder algo do que Lutero originalmente pretendia: um *manual para formar a fé e a vida*, mais do que um compêndio sistemático.

Por isso, Bode e outros autores defendem hoje uma “redescoberta” dos catecismos de Lutero em sua função originária: fundamentar a igreja na Palavra e nos sacramentos, servir à evangelização e à missão, orientar a vida cotidiana como *locus* da vida cristã e oferecer recursos para a catequese de adultos, aconselhamento pastoral, preparação para batismo e casamento, entre outras (Bode, 2018, p. 26-27).

Os catecismos no horizonte dos credos ecumênicos

A importância histórica e confessional dos catecismos de Lutero precisa ser compreendida no horizonte mais amplo dos credos ecumênicos que abrem o *Livro de Concórdia*. A presença do Credo Apostólico, do Credo Niceno e do Credo Atanasiano antes dos documentos propriamente luteranos não é um detalhe editorial sem significado. Ela indica que a confessionalidade luterana não começa com uma ruptura sectária no século 16, mas com a recepção da fé católica, apostólica e trinitária da igreja antiga. Os escritos confessionais da Reforma são, portanto, uma confissão situada historicamente, mas não uma nova fé. Eles testemunham, em novo contexto, o mesmo Deus triúno confessado pela igreja cristã desde os primeiros séculos.

Nesse sentido, os catecismos de Lutero funcionam como ponte entre os credos ecumênicos e a vida ordinária da igreja. O Credo Apostólico, utilizado por Lutero como texto catequético central, oferece a forma mais simples e narrativa da fé cristã: Deus Pai cria e preserva; Deus Filho se encarna, sofre, morre, ressuscita e reina; Deus Espírito Santo chama, reúne, ilumina, santifica e conserva a igreja na verdadeira fé. O Catecismo não substitui o Credo, mas o faz falar novamente no púlpito, na escola, no lar e na consciência cristã. Assim, aquilo que a igreja antiga confessou liturgicamente é retomado por Lutero como linguagem de instrução, oração, consolação e discernimento doutrinário.

Ao mesmo tempo, os catecismos pressupõem o testemunho do Credo Niceno e do Credo Atanasiano. Lutero não desenvolve, no Cate-

cismo, uma exposição especulativa da Trindade imanente nos moldes de um tratado dogmático. No entanto, sua explicação depende da mesma fé ontológica confessada por Niceia e Atanásio: o Pai, o Filho e o Espírito Santo não são três deuses, nem três modos passageiros de manifestação divina, mas o único Deus verdadeiro em três pessoas distintas. Por isso, quando o Catecismo fala do Pai que cria, do Filho que redime e do Espírito que santifica, não divide a essência divina nem separa as obras de Deus, mas confessa economicamente aquilo que a igreja antiga havia protegido ontologicamente.

A recuperação da linguagem bíblica sobre Deus e a Trindade

A contribuição dos catecismos está precisamente em recuperar a forma bíblica e pastoral de falar de Deus. A Idade Média tardia havia conservado os textos do credo, dos mandamentos e do Pai-Nosso, mas frequentemente os subordinava a uma lógica penitencial, meritória e moralizante. Lutero recebe essa tradição, mas a purifica pela distinção entre lei e evangelho e pela centralidade da promessa de Deus em Cristo. Dessa forma, o credo deixa de ser apenas fórmula de identidade cristã ou marcador de pertencimento social e volta a ser proclamação do Deus vivo que age por nós e para nossa salvação.

Nos credos da igreja antiga, a linguagem econômica e a linguagem imanente/ontológica não competem entre si. O Credo Apostólico narra as obras de Deus na história da salvação; o Credo Niceno protege a identidade divina do Filho e do Espírito Santo; o Credo Atanasiano explicita a unidade da essência e a distinção das pessoas. Os catecismos de Lutero retomam esse conjunto em chave bíblica e catequética: não começam por uma investigação abstrata da essência divina, mas pela pergunta do Primeiro Mandamento: “Que significa ter um Deus?” A partir daí, o credo responde: o verdadeiro Deus é aquele que se dá a conhecer como Pai, Filho e Espírito Santo em criação, redenção e santificação.

Essa recuperação da linguagem bíblica é visível na maneira como Lutero une o discurso sobre quem Deus é ao discurso sobre o que Deus faz. O Pai não é apenas uma designação metafísica para a primeira pessoa da Trindade, mas aquele que cria, sustenta, protege e concede todos os bens do corpo e da alma. O Filho não é apenas objeto de definição cristológica,

mas o Senhor que “me remiu”, isto é, que me resgatou do pecado, da morte e do poder do diabo. O Espírito Santo não é uma força impessoal, nem uma experiência religiosa autônoma, mas o Senhor que chama pelo evangelho, ilumina com seus dons, santifica e conserva na verdadeira fé. Assim, a linguagem ontológica dos credos permanece pressuposta, enquanto a linguagem econômica se torna forma de ensino e apropriação da fé.

Por isso, a exposição catequética de Lutero mantém juntas duas dimensões que não devem ser separadas. De um lado, a Trindade imanente: Deus é eternamente Pai, Filho e Espírito Santo, sem confusão das pessoas e sem divisão da substância. De outro, a Trindade econômica: esse mesmo Deus se revela e age na criação, na redenção e na santificação. A confissão luterana não reduz Deus à sua atuação histórica, como se a economia esgotasse o mistério da vida divina; mas também não permite que a linguagem ontológica se torne especulação desligada do evangelho. Deus é conhecido corretamente onde ele quis ser conhecido: em suas obras, em sua Palavra, em Cristo e na ação do Espírito Santo.

O movimento A Patre ad Patrem na arquitetura dos catecismos

A estrutura dos catecismos permite perceber com clareza o movimento econômico *A Patre ad Patrem*. Tudo procede do Pai: a criação, os dons da vida, a entrega do Filho e o envio do Espírito Santo. Mas tudo também retorna ao Pai: o pecador é trazido pelo Espírito à fé em Cristo e, por Cristo, ao conhecimento do coração paterno de Deus. Lutero resume essa dinâmica ao afirmar que não conheceríamos o favor e a graça do Pai sem Cristo, o “espelho do coração paterno”, e que também nada saberíamos de Cristo se o Espírito Santo não o revelasse (CM II.65).

Esse movimento não aparece apenas na seção do Credo, mas na própria arquitetura catequética. Os mandamentos, especialmente o Primeiro, desmascaram os falsos deuses do coração e mostram que o ser humano não teme, ama e confia em Deus acima de todas as coisas. O Credo responde à pergunta aberta pelo Primeiro Mandamento: Quem é esse Deus em quem devemos confiar? A resposta não é um deus genérico, mas o Pai criador, o Filho redentor e o Espírito santificador. O Pai-Nosso, por sua vez, ensina a fé a retornar ao Pai em oração, já não como escrava, mas como filha. Finalmente, batismo, confissão e santa ceia entregam concretamente os

dons do Deus triúno ao pecador, de modo que a fé não permaneça ideia, mas receba aquilo que Deus promete.

Desse modo, os catecismos articulam o duplo movimento da economia divina. No movimento *a Patre*, Deus vem ao ser humano: o Pai cria e preserva; o Filho assume a carne, sofre, morre e ressuscita; o Espírito Santo chama pela Palavra e distribui os benefícios de Cristo nos meios da graça. No movimento *ad Patrem*, o ser humano é reconduzido a Deus: o Espírito cria a fé, une a Cristo e, em Cristo, nos coloca diante do Pai. A oração cristã, a vida batismal, a absolvição e a comunhão no corpo e sangue de Cristo são expressões concretas desse retorno filial.

Aqui se percebe a força confessional da catequese. O Catecismo não apresenta a Trindade como problema especulativo, mas como gramática da salvação. O Deus que exige confiança absoluta no Primeiro Mandamento é o mesmo Deus que, no credo, se revela como doador de todos os bens; o mesmo Deus que, no Pai-Nosso, nos concede chamá-lo de Pai; e o mesmo Deus que, nos sacramentos, entrega perdão, vida e salvação. Assim, a economia trinitária preserva a unidade de Deus e, ao mesmo tempo, mostra a distinção pessoal do Pai, do Filho e do Espírito Santo em favor do pecador.

Os catecismos como primeiros documentos confessionais do século 16

Historicamente, os catecismos de Lutero pertencem aos primeiros documentos confessionais do movimento de Wittenberg no século 16. Embora tenham sido escritos inicialmente como instrumentos pedagógicos e pastorais, em 1529 eles já ofereciam uma síntese pública da fé evangélica antes da Confissão de Augsburgo de 1530. Por isso, mesmo não tendo sido redigidos originalmente como “símbolos” oficiais, logo passaram a funcionar como norma de ensino, critério de pregação e forma concreta de identidade confessional. A posterior inclusão de ambos no *Livro de Concórdia* apenas reconheceu e confirmou uma autoridade que eles já exerciam na vida das igrejas ligadas à Reforma luterana.

Essa anterioridade histórica também possui importância teológica. A Confissão de Augsburgo, a Apologia, os Artigos de Esmalcalde e a Fórmula de Concórdia respondem a controvérsias específicas e desenvolvem argumentos mais técnicos. Os catecismos, porém, oferecem a gramática básica a partir da qual tais documentos devem ser lidos: o Deus

do Primeiro Mandamento, a distinção entre lei e evangelho, a fé no Deus triúno confessado no Credo, a centralidade dos meios da graça e a vida cristã em vocação. Eles não substituem os demais escritos confessionais, mas fornecem seu solo pastoral e doutrinário.

Por essa razão, os catecismos exercem função normativa peculiar dentro do *Livro de Concórdia*. Os credos ecumênicos afirmam a continuidade da fé luterana com a igreja antiga; os catecismos mostram como essa fé é ensinada, confessada, orada e recebida sacramentalmente; os demais escritos confessionais defendem essa mesma fé diante das controvérsias do século 16. Assim, a sequência teológica que une credos, catecismos e demais confissões revela um mesmo movimento: a igreja confessa o Deus triúno da Escritura, transmite essa fé ao povo de Deus e a defende contra todo erro que obscureça o evangelho.

Os catecismos também nortearão o *Livro de Concórdia* porque preservam o caráter pastoral da doutrina. Eles impedem que a confessionalidade luterana seja reduzida à polêmica acadêmica ou a sistema dogmático abstrato. A doutrina existe para que Deus seja corretamente confessado, Cristo seja corretamente anunciado, o Espírito Santo seja reconhecido em seus meios e o pecador seja consolado com o perdão. Nesse sentido, os catecismos funcionam como o ponto em que a fé nicena, a linguagem bíblica e a tarefa pastoral da Reforma se encontram.

Conclui-se, portanto, que a importância histórica e confessional dos catecismos não está apenas em sua ampla recepção ou em sua eficácia pedagógica. Sua importância maior está em articular, de modo simples e profundo, aquilo que a igreja cristã sempre confessou: o único Deus verdadeiro é Pai, Filho e Espírito Santo; esse Deus se move em direção à sua criação para salvá-la; e, pelo Filho, no Espírito Santo, reconduz suas criaturas ao Pai. É essa gramática trinitária, herdada dos credos e traduzida por Lutero para a catequese da igreja, que sustenta e orienta o restante do *Livro de Concórdia*.

ATUALIDADE DO PROJETO TEOLÓGICO-PEDAGÓGICO DE LUTERO

A fé cristã como realidade sempre traduzida

Vivemos em um contexto pluralista, com linguagens e culturas diversas, e com crescente analfabetismo religioso. Em muitos aspectos, a tarefa

da igreja hoje se assemelha à de Lutero: traduzir a mensagem do evangelho para o povo de sua época, de forma fiel à Escritura e compreensível aos ouvintes (Bode, 2018, p. 26-27).

Os catecismos de Lutero são, nesse sentido, uma *tradução paradigmática*: levam a doutrina da justificação, a distinção entre lei e evangelho e a centralidade dos sacramentos para o alemão do século 16, para o cotidiano de camponeses, artesãos, famílias e cidades. Eles mostram que a palavra de Deus é intrinsecamente *traduzível* – em línguas, culturas, formas pedagógicas –, sem perder seu conteúdo essencial: o anúncio de que Deus justifica o pecador por graça, mediante a fé em Cristo.

A catequese como caminho vitalício

Segundo Peters (2009, p. 164), a catequese é um empreendimento pedagógico não como um mestre humanista, mas quem assume a catequese é o Deus Pai por meio de Jesus Cristo no Espírito Santo. Quando Lutero afirma que ele se submete ao Catecismo como um exercício infantil, ele deseja ser cristão de verdade e confessar o evangelho com as mãos e a boca, e o Catecismo concentrará de forma apropriada e breve este evangelho.

O projeto catequético de Lutero não termina na confirmação ou em um curso de instrução juvenil. Para ele, a educação na fé é um *processo vitalício*, em que o cristão permanece sempre “aluno do catecismo” (Lutero, 2021, p. 419-420; Nordling, 2007, p. 10).

Nessa perspectiva, o Catecismo pode ser usado hoje:

- na catequese de crianças, jovens e adultos;
- em percursos de conhecer o que é ser cristão e formação contínua nessa identidade;
- em aconselhamento pastoral (por exemplo, artigos do credo, petições do Pai-Nosso, mandamentos aplicados a situações concretas);
- em momentos de crise, sofrimento e confrontos com a morte (como “arte de viver e morrer em Cristo”).

Os textos simples e memorizáveis do Catecismo oferecem *linguagem para fé e oração*: ajudam a articular o que se crê, o que se pede, o que se confessa, o que se agradece. Em um mundo saturado de discursos fragmentados, o Catecismo oferece uma narrativa coerente sobre Deus, o ser humano, o pecado, a graça, a igreja e a esperança futura.

A arte de viver da fé

Nordling propõe olhar para o Catecismo como “arte de viver da graça, pela fé” (Nordling, 2007, p. 11-12). Na Quarta Parte do Catecismo, por exemplo, o tratamento do batismo mostra como a vida cristã diária consiste em “afogar o velho Adão” e “levantar-se diariamente como novo ser” diante de Deus. O que Cristo fez de uma vez por todas no Gólgota (Segundo Artigo do Credo), o batismo aplica e atualiza na história pessoal de cada crente.

A vocação de cada cristão – no casamento, no trabalho, na cidadania – torna-se o *campo de batalha* onde, com Cristo, luta-se contra o diabo e, ao mesmo tempo, lugar onde se serve ao próximo. O Catecismo, assim, não é apenas um texto a ser decorado, mas um *guia para interpretar e viver a vida inteira à luz do evangelho*.

CONSIDERAÇÕES

Os catecismos de Lutero nasceram em um contexto de crise: crise da catequese medieval, marcada pelo moralismo penitencial; crise pastoral, revelada pelas visitas; crise teológica, expressa em controvérsias sobre lei e evangelho. A resposta de Lutero não foi apenas doutrinária, mas profundamente pastoral e pedagógica: oferecer à igreja um resumo claro das Escrituras que ensinasse a crer, a orar e a viver.

Ao recolocar mandamentos, Credo, Pai-Nosso e sacramentos no centro da vida cristã, Lutero reformou a tradição sem rompê-la. Ele se manteve dentro da grande herança católica da igreja, mas purificada à luz do evangelho. O Catecismo, entendido como “canivete suíço teológico”, tornou-se manual de instrução, livro de oração, guia de confissão, norma doutrinária, subsídio litúrgico e instrumento de cuidado pastoral.

Os catecismos formaram gerações de cristãos que sabiam “como crer, viver, orar, sofrer e morrer” (Bode, 2018, p. 15-16). Orientaram pastores, chefes de família, professores e autoridades. Moldaram a confessionalidade luterana, a ponto de serem reconhecidos como parte das confissões oficiais da igreja.

Hoje, em meio a novos desafios culturais, sociais e eclesiais, os catecismos de Lutero continuam a oferecer um caminho seguro. Eles nos

recordam que a fé cristã precisa ser ensinada, aprendida e praticada; que a lei e o evangelho continuam a interpretar nossa vida; que o batismo, a confissão e a ceia do Senhor são centrais para o viver diário em Cristo; e que a vocação cristã se exerce na família, no trabalho, na igreja e na sociedade.

Conta-se que Catharina von Bora, a “Katie” de Lutero, teria dito sobre o Catecismo Menor: “Tudo neste livro foi dito sobre mim”. De certo modo, isso vale para todo cristão. O Catecismo fala de Deus, mas fala também de nós, porque nos diz quem somos em Cristo: criaturas do Pai, redimidos pelo Filho, santificados pelo Espírito. Nele aprendemos a arte de viver e morrer na fé – e é exatamente por isso que os catecismos de Lutero, escritos no século 16, continuam a ser, ainda hoje, um tesouro vivo para a igreja.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO. *The Enchiridion on Faith, Hope, and Love*. PAOLUCCI, Henry (org.). South Bend: Gateway Editions, 1961.

ARAND, Charles P. *That I May Be His Own: An Overview of Luther's Catechisms*. Saint Louis: Concordia Publishing House, 2000.

ARAND, Charles P.; KOLB, Robert; NESTINGEN, James A. *The Lutheran Confessions: History and Theology of the Book of Concord*. Minneapolis: Fortress Press, 2004.

ARAND, Charles. “The Apostles’ Creed: Introduced”. In: *Luther's Large Catechism with Annotations and Contemporary Applications*. PLESS, John T. e VOGEL, Larry M. (orgs.). St. Louis, MO: Concordia Publishing House, 2022.

BODE, Gerhard. “Instruction of the Christian Faith by Lutherans after Luther”. In: *Lutheran Ecclesiastical Culture 1550-1675*. Leiden: Brill, 2008, p.159-204.

_____. “Knowing How to Live and Die: Luther and the Teaching of the Christian Faith”. *Concordia Journal*, v.44, n.2, p.15-33, 2018.

BRECHT, Martin. *Martin Luther*. 3 v. Philadelphia: Fortress Press, 1985-1993.

_____. *Martin Luther: Shaping and Defining the Reformation, 1521-1532*. Minneapolis: Fortress Press, 1994.

EDWARDS JR., Mark U. *Printing, Propaganda, and Martin Luther*. Berkeley: University of California Press, 1994.

ERASMO DE ROTERDÃ. *The Enchiridion of Erasmus*. HIMELICK, Raymond (Trad. e ed.). Bloomington: Indiana University Press, 1963.

HAEMIG, Mary Jane. "Luther's Catechisms and the Catechetical Tradition". In: *The Oxford Handbook of Martin Luther's Theology*. Oxford: Oxford University Press, 2014.

KOLB, Robert. Teaching the Faith: Catechisms and Confessional Identity in the Lutheran Tradition. In: _____. *Studies in Lutheran Catechesis*. Saint Louis: Concordia Publishing House, 1999.

KOLB, Robert; WENGERT, Timothy J. (eds.). *The Book of Concord: The Confessions of the Evangelical Lutheran Church*. Minneapolis: Fortress Press, 2000.

KRODEL, Gottfried. Luther's Work on the Catechism in the Context of Late Medieval Catechetical Literature. *Concordia Journal*, v. 25, n. 4, p. 364-383, out.1999.

LEAVER, Robin A. *Luther's Catechetical Hymns*. Grand Rapids: Eerdmans, 2005.

LUTERO, Martinho. Catecismo Maior. In: *Livro de Concórdia*. As Confissões da Igreja Evangélica Luterana. Trad. Arnaldo Schüler. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2021.

_____. Catecismo Menor. In: *Livro de Concórdia*. As Confissões da Igreja Evangélica Luterana. Trad. Arnaldo Schüler. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2021.

_____. *D. Martin Luthers Werke: Kritische Gesamtausgabe* (WA). Weimar: Herman Böhlaus Nachfolger, 1883-.

_____. *Luther's Works* (American Edition). Saint Louis: Concordia; Philadelphia: Fortress, 1955-.

_____. Uma Maneira Simples de Orar. In: *Obras Seleccionadas*, v. 8. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2008.

MELANCHTHON, Philipp; LUTERO, Martinho. Instruções para os visitantes de párocos na Saxônia Eleitoral. In: *Luther's Works*, v. 40. Saint Louis: Concordia Publishing House, [s.d].

NGIEN, Dennis. *God's Most Earnest Purpose: Luther on Fearing, Trusting, and Loving God*. Minneapolis: Fortress Press, 2026.

NORDLING, John. The Catechism: The Heart of the Reformation. *Logia*, Reformation 2007, v. XVI, n. 4, p. 5-14.

PETERS, Albrecht. *Commentary on Luther's Catechisms: Apostles' Creed*. Translated by Thomas Trapp. Saint Louis: Concordia Publishing House, 2011.

_____. *Commentary on Luther's Catechisms: Baptism and Lord's Supper*. Trad. Thomas Trapp. Saint Louis: Concordia Publishing House, 2012.

_____. *Commentary on Luther's Catechisms: Confession and Christian Life*. Trad. Thomas H. Trapp. Saint Louis: Concordia Publishing House, 2013

_____. *Commentary on Luther's Catechisms: Lord's Prayer*. Trad. Daniel Thies. Saint Louis: Concordia Publishing House, 2011.

_____. *Commentary on Luther's Catechisms: Ten Commandments*. Trad. Holger Sonntag. Saint Louis: Concordia Publishing House, 2009.

PRUNZEL, Clóvis Jair. *Os Catecismos de Lutero para o povo de Deus*. Porto Alegre: Concórdia, 2017.

_____. "A Fé Nicena na Teologia Luterana Confessional: a exposição do Credo no Catecismo Maior de Lutero". *Igreja Luterana*, São Leopoldo, v.86, número 2, p. 109-152, 2025. Disponível em: <http://revistaigreja.luterana.com.br/index.php/revista/issue/view/19>. Acesso em: 22 de ago. de 2026.

_____. *Os Catecismos de Lutero: História e Importância*. [Palestra]. I Simpósio de Educação Cristã IELB, 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=N7O39adZf4w&t=2844s>. Acesso em: 13 jan. 2026.

ROSIN, Robert. "The Reformation, Humanism, and Education: The Wittenberg Model for Reform", *Concordia Journal*, St. Louis, v.16, p. 301-18, 1990.

WENGERT, Timothy J. *Martin Luther's Catechisms: Forming the Faith*. Minneapolis: Fortress Press, 2009.